



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**IDIANARA FREIRES DA SILVA**

**ABORDAGENS HISTÓRICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA**  
**EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR SOBRE VARIAÇÃO LEXICAL**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2022**

**IDIANARA FREIRES DA SILVA**

**ABORDAGENS HISTÓRICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR SOBRE VARIAÇÃO LEXICAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de  
Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande – *Campus* de  
Cajazeiras - como requisito de avaliação  
para obtenção do título de licenciado em  
Letras.

**Orientador:** Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

**CAJAZEIRAS - PB**

**2022**

S586a Silva, Idianara Freires da.

Abordagens históricas de ensino de língua portuguesa ma educação básica: um olhar sobre variação lexical / Idianara Freires da Silva. - Cajazeiras, 2022.

38f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2022.

1. Língua portuguesa - ensino. 2. Variação lexical. 3. Preconceito linguístico. 4. Latim. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'373

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

**IDIANARA FREIRES DA SILVA**

**ABORDAGENS HISTÓRICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR SOBRE VARIAÇÃO LEXICAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura  
em Letras/Língua Portuguesa, do  
Centro de Formação de Professores da  
Universidade Federal de Campina  
Grande – *Campus* de Cajazeiras - como  
requisito de avaliação para obtenção do  
título de licenciado em Letras.**

**Aprovado em: 05 / 04 / 2022**

**Banca Examinadora:**

*Abdoral Inácio da Silva*

---

**Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva  
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)**

*José Wanderley Alves de Sousa*

---

**Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa  
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)**

*Rozilene Lopes de Sousa Alves*

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Rozilene Lopes de Sousa Alves  
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)**

*A Deus, para Ele e por Ele;*  
*A meus pais, Valdemar e Avani;*  
*A meu marido Franklin, minha fonte de apoio;*  
*As minhas filhas Leticia e Alicia, inspiração.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, tudo que faço é determinado por Ele e para Ele.

Aos meus pais Valdemar e Avani que nunca desistiram de mim e sempre acreditaram que eu seria capaz de realizar esse sonho, obrigada por tudo meus amores, amo vocês eternamente.

Ao meu marido Franklin, obrigada pela paciência e por cuidar tão bem da nossa família, eu amo vocês, sou grata por ter você e sua mãe em minha vida.

Às minhas filhas queridas, Letícia e Aílicia, vocês são a fonte de minha força.

Ao orientador Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva, a quem tenho um enorme carinho e respeito, sem a sua humildade e gentileza, eu não teria conseguido, sou muito grata por tudo.

Aos amigos que ficaram até o fim ao meu lado: Litiely seu humor tornou meus dias nublados em dias ensolarados. Tairam seus elogios fortaleciam minha alma. Hugo, sua alegria contagia meu dia, sua risada está gravada na minha memória. Filipe, sua força de vontade foi inspiração para mim. Berg, seus conselhos foram essenciais na minha jornada. Herlando e Deuza, nosso grupo tirava o tédio dos dias ruins e me salvou muitas vezes. Denis e Matheus, vocês são meus espelhos. Eu amo todos vocês, obrigada de coração.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse sonho, obrigada.

## RESUMO

O tema em questão partiu da observação do comportamento dos discentes e docentes que atuam no ambiente escolar em relação à ausência de contextualização do conhecimento histórico da língua portuguesa, principalmente no que diz respeito à variação lexical que ocorreu ao longo do tempo. Partindo dessa reflexão desenvolvemos a seguinte problemática: O estudo da Língua Portuguesa em sala de aula trata de forma satisfatória a história da língua e a variação do léxico ao longo do tempo, além disso o docente tem domínio adequado desse tema? Como objetivo geral, o trabalho foi pensado para investigar o preconceito linguístico e suas variações lexicais nos ambientes escolares, nesse sentido, elencamos os objetivos específicos que compreendem: mostrar os índices de discriminação linguística; descrever a origem da LP a partir da língua latina (LL); perceber a evolução das variações linguísticas lexicais decorrentes do contato da latim com as línguas faladas na Península Ibérica (PI). A presente pesquisa é de cunho bibliográfico e de abordagem qualitativa. Em resposta à problemática, podemos observar durante a execução do projeto que atualmente os docentes têm mais domínio sobre o preconceito linguístico. A fundamentação teórica está baseada nos trabalhos de autores como Assis (2011), Bagno (1999; 2004; 2007), Coutinho (2011), Ilari (2006), Basso (2010), Teyssier(2001) dentre outros que foram imprescindíveis para a consolidação desta pesquisa. Porém ainda há alguns com pensamentos antiquados ou que ainda não se adequaram ao que é regido na BNCC, podendo ser falha gerando preconceito. Após apurarmos as informações contidas neste trabalho, podemos compreender que os professores e a escola são entidades incumbidas para a compreensão da variação aos alunos. Para isso, as escolas devem ser adeptas ao PCN e à BCNN, para os professores serem aptos a lecionarem aos alunos da forma contextualizada.

**Palavras-chaves:** Latim. Língua Portuguesa. Variações Lexicais. Ensino.

## ABSTRACT

This work came from the observation of the behavior of students and teachers who work in the school ambience, in relation to the privation of contextualization in the historical knowledge of the Portuguese, especially in deference to the lexical variation that occurred over time. Based on this reflection, we developed the problem: Does the study of the Portuguese in the classroom satisfactorily deal with the history of the language and the lexical over time, in addition, does the teacher have adequate mastery of this topic? As a broad objective, this work was designed to investigate linguistic prejudice and its lexical variations in school ambience. In that regard, the specific objectives that include: showing the linguistic discrimination indexes; describe LP's origin from the Latin language (LL); perceive the evolution of lexical linguistic variations resulting from the contact of Latin with the languages spoken in the Iberian Peninsula(PI). This research has a bibliographic nature and a qualitative approach. In response to the problem, we can observe during the execution of the project that teachers currently have more control over linguistic prejudice. The theoretical foundation is based on the works of authors such as Assis (2011), Bagno (1999; 2004; 2007), Coutinho (2011), Ilari (2006), Basso (2010), Tyssier (2001) among others who were essential for the consolidation of this research. However, there are still some with old-fashioned thoughts or who have not yet adapted to what is governed by the BNCC, which may be a failure generating prejudice. After verifying the information contained in this work, we can understand that the teachers and the school are entities responsible for understanding the variation to the students. For this, schools must adhere to the PCN and the BCNN, so that teachers are able to teach students correctly.

**Keywords:** Latin. Portuguese. Lexical variances. Teaching

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 1	- Mapa do Lácio e Campânia .....	15
Figura 2	- Mapa da Península Ibérica.....	19
Figura 3	- Mapa da Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior.....	19
Figura 4	- Bilhete feito em Homenagem ao dia das mães.....	32
Tabela 1	- Terminação do Latim Clássico.....	16

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	-	Base Nacional Comum Curricular
CFP	-	Centro de Formação de Professores
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LC	-	Latim Clássico
LL	-	Língua Latina
LP	-	Língua Portuguesa
LV	-	Latim Vulgar
PCN	-	Parâmetro Curricular Nacional
PI	-	Península Ibérica
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	-	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 A ORIGEM DA LÍNGUA LATINA.....</b>	<b>14</b>
<b>3 A CHEGADA DA LÍNGUA PORTUGUESA AO BRASIL E SUAS VARIAÇÕES LEXICAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>4 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR.....</b>	<b>26</b>
<b>5 RELATO DE EXPERIENCIA.....</b>	<b>31</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tema em questão partiu de uma inquietação que se deu a partir da observação do comportamento dos discentes e docentes que atuam no ambiente escolar, em relação à ausência de contextualização do conhecimento histórico da língua portuguesa (LP). Alguns fatores foram observados: a dificuldade do discente ser aceito na sua maneira de falar ou expressar-se, sendo alvo muitas vezes de preconceito linguístico existente no ambiente escolar, partindo muitas vezes dos próprios colegas de sala, e também do professor, desvalorizando-o e julgando certo ou errado o modo de falar e por isso, é necessário corrigir as variações que não correspondem à norma culta. Cada pessoa aprende a língua de uma forma diferente, que varia desde a classe social até a região onde nasceu, do ambiente familiar, dentre outros fatores. Nesse sentido, não há como colocar todos em uma “caixa” e fazer com que todos se comuniquem da mesma forma, é impossível.

O uso da língua é influenciado pelo uso coletivo e, conseqüentemente, isso se reflete também no uso individual. Por mais que exista uma norma padrão, é evidente que em alguns contextos a língua apresenta variação, tendo em vista que a língua é dinâmica, especialmente na oralidade.

Sabemos que é importante obter o mínimo de conhecimento sobre a formação histórica da LP, no que diz respeito à variação lexical que ocorreu ao longo do tempo. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca mostrar que as variações linguísticas existem e devem ser respeitadas e compreendidas, especialmente no ambiente escolar, por isso é importante que o aluno seja capaz de ter o domínio do léxico, como também, saiba utilizar a variedade linguística adequada para ser um falante, leitor e conhecedor crítico da língua materna.

Partindo dessa reflexão, desenvolvemos a seguinte problemática: O estudo da LP em sala de aula trata de forma satisfatória a história da língua e a variação do léxico ao longo do tempo, além disso o docente tem domínio adequado desse tema?

Por muitas vezes o discente se sente acuado pela forma como a LP é trabalhada em sala de aula, sentindo, muitas vezes, vergonha e medo de falar e ser repreendido ou corrigido. Essa constatação ocorreu a partir das observações que fiz nos quatro estágios em sala de aula, feitos ao longo do curso, e também por um episódio pessoal ocorrido no ensino fundamental que será abordado mais à frente.

Com o propósito de responder essa questão, a presente pesquisa buscou encontrar possíveis respostas. Para isso, estabelecemos como objetivo geral, compreender o preconceito linguístico e suas variações lexicais no ambiente escolar, elencamos os objetivos específicos

que compreendem: mostrar os índices de discriminação linguística; apresentar a origem da LP a partir da língua latina (LL); perceber a evolução das variações linguísticas lexicais decorrentes do contatato da latim com as línguas faladas na Península Ibérica (PI).

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico que, de acordo com Severino (2007), a pesquisa bibliográfica, se apoia em documentos impressos como livros e trabalhos acadêmicos já publicados.

A abordagem é classificada como qualitativa. Segundo Rodrigues e Limena (2006) discorrem que esse tipo de pesquisa é adotada pela necessidade de explorar fatos não condizentes com quantidade, logo não é o objetivo lidar com dados estatísticos. Aqui, serão visto conceitos e fatos visando e objetivando um levantamento da realidade. Essa pesquisa visa proporcionar uma melhor e mais clara compreensão do contexto apresentado abaixo.

Sendo assim, acreditamos que a pesquisa é de suma importância no trabalho da sala de aula, no que se refere ao estudo histórico do léxico do português, para que os estudantes possam minimizar ou superar o pensamento de que existe apenas uma língua “certa” em oposição a uma língua “errada”, e o que pode ou não ser dito. Nesse caso, é função dos docentes apresentarem uma postura mais crítica, conscientizando os alunos sobre o preconceito e às variações linguísticas, pois é necessário que as diferenças entre quem fala a língua padrão, língua mais prestigiada, e aqueles que falam as variedades menos prestigiadas, sejam minimizadas.

O trabalho está dividido em cinco capítulos: o primeiro é essa introdução, para designar toda parte inicial da pesquisa, juntamente com a metodologia, objetivos e justificativa; o segundo capítulo traz uma apresentação da origem da língua latina, relatando sua origem e seus dois aspectos cada vez mais distintos tanto na fala quanto na escrita, o Latim Clássico (LC) e o Latim Vulgar (LV); além das mudanças que ocorreram ao longo do tempo, tratando também da chegada dos romanos à Península Ibérica (PI), afim de contextualizar o leitor.

O terceiro capítulo trata da formação da LP após a chegada dos portugueses ao território brasileiro. Logo depois chegaram também os Jesuítas com o objetivo de catequizar os índios para convertê-los ao catolicismo. A partir disso, apresentamos algumas considerações sobre o contato das línguas nativas, africanas com o português, fato que provocou a variação linguística e lexical no país, fato que promoveu assim ao português brasileiro especificidades em relação ao português europeu.

O quarto capítulo, por sua vez, aborda a necessidade dos docentes contextualizarem a história da língua, contribuindo para atenuar o preconceito linguístico no ambiente escolar e também no convívio social.

O quinto capítulo, por fim, traz um relato de experiência pessoal, vivenciado na infância, com uma professora que cometeu um preconceito linguístico a partir de um bilhete feito em homenagem ao dia das mães e como isso impactou no meu futuro acadêmico.

Por fim, as considerações finais mostram, o resultado final da pesquisa aqui realizada, na qual observamos a presença do preconceito linguístico no ambiente escolar e a função da escola para atenuar o preconceito social, relacionado ao uso da língua.

## 2 ORIGEM DA LÍNGUA LATINA

O latim é a língua que deu origem a nossa língua, que hoje conhecemos como Língua Portuguesa. Nesse sentido, Coutinho (2011) afirma que a formação do português foi influenciada pelo latim e essas diferenças ocorreram principalmente no léxico, além da morfologia e também na sintaxe. Modificações ocorridas na LL de forma geral.

O autor afirma que a Língua Latina não morreu, mas foi modificada com o tempo dando origem às várias línguas neolatinas ou novilatinas, por isso a ideia de que o latim é uma língua morta é equivocada, tendo em vista que continua viva nessas diversas línguas, como espanhol, francês, italiano, português e entre outras (ALMEIDA, 2019).

Assim, apontamos as principais circunstâncias que propiciaram o desenvolvimento do nosso idioma foram os fatos históricos que culminaram com a conquista do Império Romano da Península Ibérica (PI), o contato das línguas nativas com latim resultou no surgimento de novas línguas.

A transmissão de informações entre os povos sempre foi mutável devido às constantes alterações com o curso da evolução humana. Tais variações sucumbem ao meio historicossocial, geográfico, entre outros. Portanto, com essas trocas, é possível afirmar que tais interações resultaram nessas mudanças. Essa visão é explicada, porque: “nenhuma língua permanece estática. Ela apresenta variedades geográficas, sociais e individuais, já que o falante procura utilizar o sistema idiomático da melhor forma que convém” (CHAGAS, 2008, p. 1).

Diante disso, podemos afirmar que é através do uso dos falantes na interação que permite a apropriação dos elementos necessários para a perfeita interação sociocultural.

Quando consideramos que o latim apresentava duas variáveis, o LC e o LV, sendo a primeira utilizada na escrita e a segunda na oralidade. O LV era usado por uma sociedade mais simples de classe inferior em relação à nobreza da época. Nesse sentido, é possível afirmar que refletem duas culturas que conviveram em Roma: a de uma sociedade fechada (aristocrata); e a outra: uma sociedade aberta a todas as influências (plebe).

O latim era a língua falada na região de Lácio, antiga região situada na Península Itálica. O idioma manteve-se presente entre os povos conquistados por mais de mil anos, chegando a se estender por todo Império Romano. Durante o período de expansão, os romanos chegaram à Península Ibérica, região onde Portugal está situado, por volta do século III a. C. e se expande por diversas regiões da Ásia e ao norte da África. Assim esse domínio militar e político como passar do tempo resultou também em mudanças linguísticas, que originaram as línguas românicas. O mapa abaixo nos mostra a diversidade de povos que habitavam a Península Itálica

e como o latim prevaleceu na região.

**Figura 1** - Mapa da região onde era falado o latim



Fonte: Imagem Google (2022).<sup>1</sup>

O latim percorreu um longo processo de mudanças até se diferenciar transformando-se nas línguas românicas, conforme (Coutinho, 2011), alguns aspectos transcorrerem ao longo do tempo, e por isso tornaram-se cada vez mais distintos: o clássico e o vulgar, devemos acrescentar que não se trata de duas línguas diferentes, ou uma língua inferior à outra, embora muitas vezes eram abordadas como latim escrito (aristocrata) e latim falado (plebeu), as mesmas refletem em culturas diferentes que conviveram em Roma. A seguir, o autor retrata as variações da língua:

Diz-se Latim Clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a urbanitas. [...]. Chama-se Latim Vulgar o Latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana, inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas e literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente (COUTINHO, 2011, p. 29-30).

<sup>1</sup> Disponível em: <[http://www.informagiovani-italia.com/mapa\\_lacio.htm](http://www.informagiovani-italia.com/mapa_lacio.htm)>. Acesso em: 03 ago. 2021.

Segundo o autor, a primeira vertente é o LC, aquele que a classe superior utilizava (aristocrata) na época, por volta do século I a.C. e o século I d.C. tanto na escrita, como na fala, sendo visto como a língua padrão, diferenciando-se do LV, que era utilizado pela plebe.

Nessa perspectiva, o LC caracterizava-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância e pelo estilo, e era usado nas escolas, igrejas e inclusive na literatura. Considerada como uma língua rígida, parada e que não retratava o uso efetivo da língua no cotidiano. Ainda nesse sentido, o autor enfatiza que por esses motivos, o LC permaneceu por muito tempo em estado de segurança linguística.

No LC as palavras eram divididas segundo as terminações, em cinco grandes grupos, chamadas declinações: I - ae, II - i, III - is, IV - us, V - ei. No LV, foram reduzidas a três, por causa da confusão, pois alguns substantivos da quinta (ei), já no latim clássico, podiam também ser declinados pela primeira (ae). A 2ª (-ēre) e a 3ª (-ĕre) se diferenciavam apenas pela quantidade da vogal temática (longa ou breve) esta última, desaparece por causa da semelhança do infinitivo com a segunda que era diferenciado apenas pela vogal que na segunda era longa e na terceira breve (ALMEIDA, 2019). Gerando falta de clareza tanto aos que estudavam a língua escrita, como aos que a utilizavam apenas a língua falada.

Na PI, as declinações foram reduzidas a duas: a primeira e a segunda. A importância de destacar essa questão é relevante porque essas mudanças foram significativas para estabelecer o gênero dos substantivos em português, tendo em vista que vogal *a*, geralmente indica o gênero feminino e vogal *o*, o gênero masculino.

Quanto à estrutura verbal, havia quatro conjugações no LC literário que eram reconhecidas pelas terminações dos infinitivos:

**Tabela 1 - Terminação do latim clássico**

CONJUGAÇÃO			
1ª	2ª	3ª	4ª
-are	-ēre	-ĕre	-ire

Fonte: Bagno (2007a, p. 32).

A diferença da estrutura verbal entre o LC e o LV, apontada pelo autor, está centrada na diferença da vogal temática da segunda conjugação ser longa e a da terceira conjugação ser breve, essa distinção torna-se nulo na oralidade e também pela classe social que a utilizava, no modo como são abordados e qual o público está direcionado, já que o primeiro, é utilizado como

o “padrão” a ser seguido, e o segundo trata-se de variações resultantes do convívio entre os diversos grupos de classes sociais, compostos de cidadãos comuns, sem instrução, que eram os usuários da língua falada. Dessa forma, no latim vulgar as conjugações foram reduzidas a três e essa estrutura permaneceu no português.

No que se refere à função sintática, os substantivos eram divididos em seis categorias, denominados de casos, a saber: nominativo, genitivo, vocativo, acusativo, ablativo e dativo. Dessa forma é que se identificava a função sintática das palavras na oração. No que diz respeito ao LV, houve a redução de seis para dois, restando o nominativo e o acusativo. O acusativo equivalia ao caso oblíquo e o nominativo, por sua vez, condiz ao caso reto. Observou-se também que as funções dos outros casos foram realocadas ao acusativo, subordinados pelo uso de preposições.

Posteriormente, ocorreu na PI, mais uma redução de (dois) para apenas (um) caso, que de acordo com Coutinho (2011), essa redução dos casos para apenas um justifica-se mais como um fenômeno sintático do que fonético. Agora a indicação de posse é indicada pelo uso da preposição (de) e não mais pela flexão do caso genitivo. Sendo assim o acusativo é que prevaleceu na PI fixou-se como caso lexicogênico de nossa língua.

Ao adentrar na construção do léxico, foi bastante utilizado o acusativo, visto que o léxico predominantemente veio do acusativo. Coutinho (2011) acrescenta que no nominativo, o caso do sujeito desaparece, sendo substituído pelo acusativo. Para exemplificar, a importância do acusativo na formação léxico, destacamos a afirmação de Almeida

Uma demonstração de como as palavras da Língua Portuguesa são formadas predominantemente pelo acusativo, temos o exemplo: *veritas* (nominativo singular), *veritatem* (acusativo singular). Observamos assim, que a palavra *verdade* não resultou do nominativo singular, mas do acusativo, havendo a síncope do (*i*) intervocálico e sonorização da consoante (*t*). [...] outros casos também deixaram marcas no léxico do português, como por exemplo, os nomes próprios (Lucas) que procederam do nominativo; do genitivo (agricultura); do dativo (crucifixo) e no ablativo, alguns advérbios (agora, talvez). (ALMEIDA, 2019, p. 15, grifo do autor).

No LC haviam três gêneros: masculino, feminino e neutro. Na construção do léxico, houve uma mudança quanto ao gênero neutro. Este desapareceu no português, sendo assim os substantivos do gênero neutro deslocou-se para o gênero masculino ou migrou para o gênero feminino. A justificativa dada para tal transformação, deveu-se especialmente porque o *neutro plural* no latim termina em (*a*) no nominativo, acusativo e vocativo.

A estrutura das frases no LV seguiam a ordem natural da concepção do pensamento, sendo assim o sujeito vinha primeiro, logo após o verbo e mais a frente apresenta-se o objeto ou predicativo, distinguindo-se do LC.

No decorrer do tempo, o latim foi sofrendo alterações no contato com as línguas faladas na PI, a ponto de se constituir numa língua específica, portuguesa, sua formação foi influenciada predominantemente pelo LV trazido para a região pelos romanos. Isto ocorreu, evidentemente, de forma gradativa, acompanhando a romanização da PI. Portanto, aos poucos foi se dominando a região, alastrando a nova língua aos conquistados e suas línguas nativas foram se extinguindo progressivamente. Devido ao acréscimo dessas novas interações com o povo colonizador, por isso os povos conquistados foram adquirindo o costume de apreciar livros e obras de artes escritas em latim, nessa perspectiva “[...] os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura. Em contato com outras terras e indivíduos de outras civilizações, ensinavam, mas, também, aprendiam” (LUNANETO, 2008, p. 12).

Com isso, mostrou-se a importância da socialização, pois o homem ávido de conhecimento reconhece a relevância que a influência na comunicação tem sobre a evolução da sociedade que, nesse caso, envolve não só a língua mas também a cultura.

O mapa abaixo mostra como os romanos dividiram a península para facilitar as questões administrativas. Sabe-se que o objetivo para conquistar uma região são principalmente por motivos políticos e econômicos. Na região em questão, o domínio aconteceu também por razões culturais, visto que os nativos foram obrigados a adquirir os hábitos e princípios daquele povo que os colonizaram.

No que diz respeito à PI, além desses fatores, os romanos tiveram a percepção estratégica de manter os diversos grupos nos seus respectivos territórios e assim facilitar a administração do território.

**Figura 2 - Mapa da Península Ibérica**

Fonte: Imagens Google (2022).<sup>2</sup>

Portanto, a língua torna-se a principal estrutura linguística-cultural a sofrer modificações com os impactos de uma dada civilização, conforme o latim, que por ser a língua de cultura consolidou-se como idioma predominante em relação às outras línguas e influenciou significativamente nas características fonéticas, morfológicas e sintáticas não só do português, mas também das línguas neolatinas. A Lusitânia foi dividida em dois territórios: Hispania Citerior e Hispania Ulterior. Essa divisão resultou posteriormente na formação das línguas da região.

**Figura 3 - Mapa da Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior**

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/images/q7SYVw>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

<sup>3</sup> Disponível em: <[encr.pw/58o5w](http://encr.pw/58o5w)>. Acesso em: 03ago. 2021.

O mapa demonstra que divisão feita pelos romanos da Península aconteceu depois da conquista definitiva do território em 27 d.C., essa divisão influenciou significativamente na formação da LP na Hispânia Ulterior, enquanto que na Hispânia Citerior, desenvolveu-se a língua espanhola. Ademais, Assis (2011) retrata em seu trabalho que esse período pode ser dividido em três fases, que consistem: em um momento inicial de expectativa, em que as diferentes culturas se confrontam; uma fase intermediária de marginalidade, em que há participação nas duas culturas, fase de bilinguismo; por último, a vitória da cultura romana, em que ocorre a romanização.

Após a queda do império romano no século VI d. C., a península foi dominada por vários povos até Portugal se tornar independente no século XII d. C. Depois de consolidado como nação, iniciou-se a partir do século XV um processo de expansão marítimo que culminou com a chegada ao Brasil em 1500.

### **3 A CHEGADA DA LÍNGUA PORTUGUESA AO BRASIL E SUAS VARIÇÕES LEXICAIS**

Ao atravessar o Oceano Atlântico através da expansão marítima, Portugal adentra às Américas e, por fim chega ao Brasil. Após a chegada dos portugueses, o território foi dividido em capitanias hereditárias. Houve naquele momento uma dificultosa comunicação com os povos nativos, pois entre eles havia mais de 300 línguas utilizadas pela população indígena. Com isso, os portugueses com o intuito de dominá-los, transpassaram essa barreira, utilizando inicialmente uma língua que permitisse a comunicação, e assim a LP paulatinamente passou a prevalecer como a língua do colonizador (ALMEIDA, 2019).

Os indígenas se adaptaram forçadamente ao aprendizado da nova língua. Segundo Assis(2011) o tupi, que era a principal dentre as línguas faladas nas regiões costeiras da colônia, também ganhou destaque, visto que a língua utilizada pelos jesuítas foi o latim, língua oficial da Igreja Católica, além de ser o idioma utilizado no ensino, os jesuítas utilizaram também as várias línguas indígenas, além do português, pois seria mais fácil a catequização dos indígenas, utilizando-se de uma língua que proporcionasse uma compreensão mútua. O ensino buscava alcançar proporcionar uma formação através das virtudes religiosas e partir do pressuposto de que o homem pudesse dominar os conhecimentos básicos como o cálculo, a escrita e também a leitura(ALMEIDA, 2019).

Sendo assim, o Tupi também foi empregado por bandeirantes, a partir do século XVIII, tornando-se também a língua geral daquelas regiões nas quais o português não havia chegado, principalmente em São Paulo e no Amazonas. Com o avanço dos anos, essa língua geral ramificou-se em duas: a Língua Geral do Sul e Língua Geral do Norte. Por conseguinte, devido ao bilinguismo crescerem separados, essas línguas começaram a decair e foram substituídas de vez pelo português.

Anos mais tarde, no século XVIII, Marquês de Pombal, figura importante da história luso brasileira, teve um papel relevante no avanço da LP como idioma oficial das colônias. O diplomata proibiu o uso das línguas gerais e penalizou todos aqueles que ainda persistissem em utilizá-la como meio de comunicação através de um Diretório criado entre 1757 e 1759 (Teyssier, 2001). Foi o responsável também pela expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas, que eram os maiores protetores da língua geral. Como resultado, Portugal estabeleceu seu poder nas terras brasileiras monopolizando a comunicação, e aos poucos a resistência sobre o uso do português foi diminuindo. O ensino que antes tinha um

caráter religioso, haja vista os jesuítas serem os responsáveis pelo processo educativo, entretanto com a sua expulsão, essa atividade passou a ser administrado pela Realidade. Assim, a burguesia se desenvolveu intelectualmente com maior facilidade, enquanto o restante dos habitantes continuaram sem acesso à educação.

Após a polarização ocorrida entre o português e as línguas indígenas, que ocorreu com os primeiros povos escravizados pelos colonizadores na nova região, houve logo após a chegada de povos africanos, miscigenando o português às línguas africanas. E mais tarde, sucedeu a polarização entre o português e os diferentes tipos de variedade expressadas pelos africanos e pelos índios. Nesse sentido, destacamos a ideia de Lucchesi (2015) que aborda o panorama atual em relação às variações do português em terras brasileiras. O autor expõe que tais diversidades aplicam-se principalmente às características cultas, atuando nesta principalmente as pessoas com altos índices de escolaridade e a segunda variedade se dá pelas características populares, nas quais entram as pessoas com pouco ou nenhuma escolaridade.

Devido a essas modificações, quando se miscigenam a cultura do povo e a forma de sociedade estabelecidas entre esses, observa-se que há variações. Assim, denota-se que o léxico consiste além de palavras que já foram utilizadas em algum intervalo de tempo por um determinado povo, mas também em vocábulos ou termos utilizados em outrora e que por seguinte acabaram em desuso, sendo extintos daquela língua.

Nessa perspectiva, Vieira e Nascimento (2021) acrescentam que tais variações advêm principalmente do predomínio da influência de preceitos extralinguísticos, pois em dado momento ocorrido a segregação de certos grupos sociais, surge a sobreposição de outros grupos majoritariamente excludente às minorias, resultando no preconceito.

A variação lexical é uma característica dada ao estudo do léxico, visto que não é designado como homogêneo. Assim, Lima (2018) destaca que a língua tem seus níveis culturais: língua vulgar, utilizadas pelas pessoas com menor grau de instrução; ápice, pelas pessoas cultas. Ainda sobre as ramificações da variação lexical, há dois falares: os locais, traços linguísticos de uma determinada localidade, como por exemplo o “falar cearense” “falar paulista”. O outro é o regional, que perfaz a linguagem utilizada por falantes de uma região, como se vê no “falar nordestino” “falar sulista”. Além de tal variação ocorrida dentro do mesmo país, em diferentes regiões, há também em diversos países com a mesma língua dominante, a exemplo do Brasil e Portugal.

Nos dias atuais, no que diz respeito à variação lexical, é possível observar, como já mencionado anteriormente, a influência das diversas línguas que influenciaram a formação

do português, especialmente o latim. Na parte morfológica, Ilari (2006), cita o exemplo da elevação da vogal temática *a* para [e] e [e] para *i* no pretérito perfeito indicativo, para diferenciá-lo do presente do indicativo: *andemo* por *andamos*, *bebimo* por *bebemos*.

Sobre o campo fonético, observa-se variações de pronúncias:

na pronúncia de [s] e do [z] implosivos (*atrás/uma vez; vista/faz frio; mesmo/atrás dele*); pronúncia das vogais átonas (*passo/passe/passa*); conservação no Brasil da pronúncia [ey] para ditongo que em formas como (*lei e primeiro*); reações ortográficas de Portugal (*descer/piscina*) são desconhecidas no Brasil, sendo pronunciadas como (*decer/picina*); no Brasil não existe a oposição entre os timbres abertos e fechados das vogais tônicas [a], [e] e [o]; o Brasil ignora as vogais escritas [a], [e] e [o], a oposição do timbre aberto e fechado; proclíticos e enclíticos em [e]; vocalização de [l]; pronúncia chiante de [s] e [z]; encontros consonantais em certas palavras de origem erudita (*admirar/advogado/observar*); nos grupos [ti] e [di], as oclusivas são geralmente palatizadas (*tio/mentiu/sentir/pentear*); pronúncia de [r] em final de sílabas (*douto/doutor, pegá/pegar*) (LIMA, p. 20, 2019, grifos do autor).

Podemos observar na citação acima, como a fala influencia na ortografia, principalmente nas variações menos prestigiadas. Como no uso de letras que não são pronunciadas, tal o caso de *descer*, em que o *s* não é pronunciada.

Corroborando com a ideia da variação lexical, Assis (2011) afirma que a língua tupi influenciou na formação do vocabulário do português. Essa influência pode ser comprovada nos nomes de personagens folclóricos, de árvores e flores, frutas, estados e cidades, animais, como por exemplo (*saci, mandioca, abacaxi, Ceará, Copacabana, jacaré*) etc.

Esse contato linguístico, como alude Araujo e Sousa (2018), retrata que não são apenas as questões sociohistóricas envolvidas na mudança empregada no português brasileiro, também há a apropriação de fatores internos que são linguísticos e também fatores socioculturais.

Destacamos ainda o pensamento da professora de linguística Stela Maris Bortoni-Ricardo que escreveu um capítulo intitulado “um modelo para a análise sociolinguística do português do Brasil”, presente no livro, Bagno (2004), no qual ela nos mostra que as polarizações, acima citadas, vão além do conceito popular/culto da língua, pois há várias nuances entre esses dois conceitos, trazendo a realidade da língua, que cresce de forma contínua, aproximando-se da realidade de variação do português brasileiro. Dentre esses modelos está no rural-urbano ou urbanização, nos quais há uma linha imaginária entre os dois extremos (rurais isolados e urbanos padrões) e entre esses há a área rurbana, na qual convivem dialetos de ambos os limites. Sendo assim, as pessoas que habitavam a zona rural,

não tinham o acesso à variação prestigiada, devido ao isolamento em razão das dificuldades geográficas ou ainda por carência de meios de comunicação. Por outro lado, via-se a zona urbana enfrentando as padronizações impostas pelo excesso de meios de comunicação como a imprensa e as vezes o comércio, e também no ambiente escolar e fundações religiosas e em outros espaços educativos.

Devido ao êxodo rural, a população, segundo Luther e Gerhardt (2018) que até a década de 1960/1970 era rural, passou, na década de 1980 a ser predominantemente urbana. Com isso, constatamos que o país outrora majoritariamente rural, tornou-se urbanizado. Uma das principais causas para essa migração deveu-se à pobreza e também ao déficit de políticas públicas empregadas na zona rural. Em consequência desses fatos ocorridos, a língua sofreu com a institucionalização da língua portuguesa e pelo processo de urbanização como um todo (ARAÚJO; SOUSA, 2018).

Esse processo de evolução e variação culminou com o que vemos no dia-a-dia, sejam em diálogos com pessoas com as quais convivemos, seja no contato com textos variados como em telejornais, na internet etc.. Isso é consequência de um mundo cada vez mais globalizado. Vemos, portanto, a zona rural tendo acesso aos meios de comunicação, possibilitando assim um conhecimento midiático outrora desconhecido ou pouco falado.

Todavia, como cita Araujo e Sousa (2018), por mais que as pessoas do campo frequentem escolas ou tenham como aliado os meios de comunicação, não se pode desmemoriar todo um processo de padronização linguística em todas as esferas de uso e seguirem a norma gramatical padrão ou culta, torna-se inviável. Para isso, é essencial entender as variações linguísticas dessas comunidades e verificar a interferência de questões sociohistóricas e socioculturais que estejam atreladas diretamente à linguagem.

A norma padrão foi definido por uma elite social dominante, que tinha por objetivo anular a variação linguística, visando a separação das pessoas “mestiças”, consideradas por eles como indecentes e descorteses. Por esse viés destacam Etto e Carlos (2018) que essa uma visão excludente se prolonga por anos a fio, excluindo socialmente muitas pessoas.

Sabe-se que a língua se transforma e evolui com o decorrer dos anos e, alguns reflexos dessa mudança podem ser compreendidos através da heterogeneidade, marcada pela concepção do repertório linguístico do emissor da fala (SÁ, 2021). Consideramos também a mutabilidade e versatilidade da língua em designar uma contínua mudança e está vinculada a fatores internos ou externos empregados. Assim, cada grupo que vivem em realidades típicas, apresentam modos semelhantes ou diferentes de outras classes, por isso essas peculiaridades são reveladas no uso da língua. Nesse sentido, Etto e Carlos (2018)

declaram que essas diferentes realidades concebem manifestações linguísticas variadas.

Em comunidades urbanas, ainda é comum observar fenômenos fonético-fonológicos, como a falta da concordância verbal, principalmente no que diz respeito ao uso da primeira do singular e a terceira pessoa do plural. Nesse caso ocorre a eliminação da marca de plural. Como, por exemplo “ele foi”/ “eles foi”. Araujo e Sousa (2018) tratam dessa perspectiva em seu trabalho através de uma percepção sociolinguística, como um caso de esteriótipo sociolinguístico ainda presente também no uso de pessoas letradas. Logo, socialmente, insere-se casos de repúdio ou menosprezo de pessoas no próprio meio, por comunicadores da mesma língua, residentes do mesmo país ou ainda subdividindo às regiões. Essa estranheza advinda leva aos mais diversos tipos de preconceitos, a depender da utilização da variação da língua.

O ambiente escolar é um dos principais ambientes para se propagar a LP e suas variedades, mas infelizmente também um dos pilares centrais no que diz respeito ao preconceito linguístico sofrido por parte de muitos discentes.

Nesse sentido, A BNCC (2018) trata do ensino da língua portuguesa nas escolas de modo que seja contextualizado. Quanto às variações lexicais e o preconceito linguístico, a Base Nacional, defende da seguinte forma:

Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos. [...] Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. [...] Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica (BRASIL,2018, p.83-87).

Nesse sentido, é dever, portanto, da escola, oferecer e repassar aos alunos, formas de conscientização contra esse prejuízo social, destacando que o ambiente escolar é o espaço adequado para essa discussão, visto os documentos oficiais trazerem claramente essas orientações.

#### 4 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

Diariamente vê-se na sociedade o preconceito linguístico instalado, seja ele estruturado através de fatores externos como classe social, faixa etária, escolaridade ou até mesmo por fatores internos como morfológicos, semânticos, lexicais (SILVA, 2019).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2019), o Brasil ainda continua com baixos índices de educação, apesar da diminuição da taxa de analfabetismo em crianças e adolescentes, sobretudo na Região Nordeste. Em comparação com a atualidade, no que diz respeito ao início da colonização e também posteriormente no Império, essa taxa era ínfima. Entretanto, se comparados aos dados de Portugal, a educação brasileira passa a ser bem destoante.

O preconceito linguístico, muitas vezes, não é visto como prejuízo social na maioria das situações, por não ser reconhecido pelas pessoas como um preconceito. Laperuta-Martins (2017) trata em seu trabalho sobre a falta de discernimento da população acerca do tema e explica que se deve aos fatores supracitados, a respeito não só do processo evolutivo e histórico da língua, mas que também falta uma educação social. Diante da problemática, a autora observou que a maioria das pessoas que cometem a agressão, motivado pelo uso linguístico considerado errado, são pessoas de classes sociais mais altas e estas sentem-se como uma espécie de “dominadora”. Ainda é muito difícil argumentar contra essas pessoas pelo fato de não aceitarem que esse comportamento realmente pode ser considerado problemático.

Segundo Bagno (1999) esse tipo de preconceito só pode ser derrotado adquirindo-se o conhecimento sobre a língua que considere o processo dinâmico e evolutivo. Para contornar esse prejuízo social, é necessário o ambiente escolar no qual seja possível analisar, perceber e entender as variações linguísticas.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente (BAGNO, 2004, p. 38).

Na citação, o autor relata justamente que a segregação sofrida por algumas pessoas é resultante da ideia de que há apenas uma norma correta, por isso muitos falantes podem ser hostilizados ou menosprezados por dominarem essa variação. Nessa perspectiva, os alunos,

em muitas situações, são instruídos a largar os hábitos linguísticos outrora essenciais para a sua comunicação e a partir disso são submetidos a aprenderem a norma padrão. A partir dessa ideia, devido a não aceitação do que consideram modelo, o uso da variação menos prestigiada pode ser depreciado. Assim, Gomes, Semechechem e Cardoso (2020) consideram que essa atitude pode estar ligada também ao momento da história que os usos linguísticos eram considerados corretos de acordo com a gramática normativa até então.

Sabe-se, como também menciona Orsi (2017) que essa intolerância é, de fato, correspondente a uma visão de ignorância em relação, especialmente à história da língua. O autor ainda expõe que as variações linguísticas são normais, mas que o preconceito se enraiza na mente das pessoas a ponto de transformá-lo como um apêndice à personalidade ou à forma de tratamento às pessoas ao redor.

Outras fontes que podem eventualmente alimentar esse esteriótipo vem através de programas de televisão, *stand-ups*, programas de rádio, assim como em livros e revistas, trazendo, na maioria das vezes, como uma forma pejorativa os usos que não correspondem à norma culta.

Como meio de “defender” o preconceito linguístico, as pessoas utilizam da gramática, alegando ser a norma padrão utilizada na gramática prescritiva, pois a partir desta perspectiva, compara-se o certo, defendido pela gramática, contra o errado proposto pelas variações dos falantes. Nas instituições de ensino, deixar de frisar isso pode ser o estopim necessário para ação comentários de cunho preconceituoso.

A questão não é desmerecer a relevância da gramática, mas sim fazer-se aceitar todas as dissemelhanças linguísticas empregadas pelos falantes. Bagno (1999) enfatiza que o português brasileiro é tão heterogêneo como o povo que o fala e que as escolas não devem desconsiderar as origens distintas dos alunos.

A escolarização é imprescindível para o conhecimento e entendimento da norma culta. Por outro lado, mesmo sem a escolarização, ocorreu uma diversidade denominada de variedades populares, comumente usadas por indivíduos com baixo grau de escolaridade ou de deficitários recursos, sejam eles financeiros ou sociais.

É nesse ambiente que aos alunos são ensinados que há uma metódica padronização para a língua. Portanto, é nessa perspectiva que a forma correta de escrever e falar está atrelada a essa referência normativa, verbalizar segundo a gramática ensinada em sala de aula. Sabe-se que tal conduta é lacunar, pois os alunos são diferentes.

A citação abaixo argumenta sobre como deve ser ensinada a LP em sala de aula:

Aprendemos que ensinar língua portuguesa vai muito além dos aspectos linguísticos, que a heterogeneidade dos alunos é algo que deve ser levado em conta no planejamento de toda e qualquer aula. É preciso dar voz e autonomia a eles para que o educador possa, assim, mediar o conhecimento e fazer da aula não a sua aula, mas a aula dos alunos e para os alunos (NETO *et al.*, 2018, p. 4).

É indispensável a dissociação da homogeneidade da língua em um país, como é o Brasil, que é historicamente diverso. Sendo assim, o ambiente escolar é o espaço ideal para discutir o contexto histórico e contextualizá-lo com a realidade da variação que o discente já domina. Sobre essa colocação, Silva destaca a seguinte ideia

o respeito à diversidade linguística se torna também respeito à diversidade histórica e cultural de cada povo, sendo que cada região tem seus costumes, hábitos e falares, o respeito pela diversidade da língua leva em consideração o respeito pela particularidade regional, reconhecendo que as línguas são heterogêneas (SILVA, 2021, p. 7).

Nesse sentido, a escola pode colaborar para atenuar a discriminação através da informação contextualizada sobre o processo dinâmico e histórico da língua, e de modo que os discentes possam ter no ambiente escolar não apenas o acesso à norma culta, mas também saibam valorizar as variações da língua. Logo, cabe ao professor demonstrar aos alunos que não existe apenas o certo e o errado no falar, mas que se deve adequar à linguagem nas diferentes situações envolvidas na comunicação. Com isso, ressalta Bagno (2007b, p.18-19) que

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas à educação e à cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão. O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não padrão.

Assim percebemos a importância do ensino do português contextualizado no ambiente escolar que considere e valorize as variações, pois, o português é o idioma oficial de um país extenso e complexo e por isso o estudo da gramática normativa, não deve ser a única

forma adequada de uso da língua, fazendo com que seja natural ter a opinião de que é difícil falar e escrever corretamente o nosso idioma. A citação abaixo foi retirada do Parametro Curricular Nacional (PCN) de LP que, além do BNCC, mostra a importância da variação e sua influência para o aprendizado a ser repassado para os alunos.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (BRASIL, 1998, p. 29).

Sendo assim, não se pode desconsiderar as diferenças sociolinguísticas e por isso deve-se mostrar que as discrepâncias entre a língua falada e a língua escrita dependem do contexto de uso, já que a gramática é fixa e não pode sofrer pelas variações que ocorrem na fala desde os primórdios da inserção da língua e que ocorre sem interrupções. Cabe, como almeja Araújo e Sousa (2018) respeitar e empregar os contextos a serem inseridos as normas cultas e populares.

Nesse sentido, o autor traz observações acerca do entendimento dos professores e alunos quanto à norma culta e suas repercussões no uso efetivo da língua. É interessante salientar que deva ser feito inicialmente uma reflexão acerca dos prejuízos sociais envolvidos no ambiente escolar. Nessas reflexões deve-se responder a pergunta sobre até que ponto a escola pode ignorar as diferenças sociolinguísticas? E o que fazer para atenuar essa situação.

Compete ao docente ser perspicaz em reconhecer a vivência dos discentes para que responsabilmente possa desenvolver nos alunos, de acordo com sua realidade onde estão inseridos, o conhecimento efetivo das variações da língua.

Muitos dos alunos sofrem pela hostilidade devido ao seu falar popular e por essa razão acontece a desistência das atividades escolares por parte dos estudantes. Os motivos dessas causas normalmente se dão pela exigência em se adequarem quanto às normas linguísticas dadas em sala de aula e também pela privação de liberdade que o ambiente escolar os causa. Como consequência, essas atitudes em relação ao uso da língua, pode levar a evasão escolar.

Sabe-se ainda que nem todos utilizam da norma-padrão no dia-a-dia. Desse modo, o pensamento que pessoas com elevado nível de escolaridade obrigatoriamente devem seguir

à risca tal conduta, porém não é o que se vê. É comum encontrar pessoas que cursaram o ensino superior utilizarem algumas variações linguísticas, advindas principalmente do meio deconvívio social no qual estão inseridas.

A seguir, veremos a gíria, outra variedade linguística bem conhecida e utilizada pelas pessoas afastadas dos grandes centros urbanos e também por adolescentes que desfrutam da liberdade em determinados ambientes.

Tal variedade proporciona aos seus usuários uma melhor comunicação entre si e sustenta uma identidade singular aos demais grupos da sociedade. Em contrapartida, os mesmos grupos sofrem com circunstâncias discriminatórias e preconceituosas pelos defensores da norma padrão, alegando, mais uma vez, a incorreta forma de usar a língua.

Etto e Carlos (2018) realizaram uma pesquisa contando com 4 alunos sendo entrevistados por professores, afim de saber quais seus sentimentos no ambiente escolar. Foi perceptível durante o trabalho que eles se sentem menosprezados pela sociedade por acharem que eles são pessoas de má índole. O mesmo autor refletiu tais observações e chegou a conclusão que estas divisões geográficas e socioculturais afetam diretamente na língua e nas suas maneiras de lidar com a sociedade, pois além de tudo, sofrem com preconceito social das suas identidades estarem atreladas à bandidagem e à prática de atos ilícitos, no geral. No quesito da língua, os alunos sentem-se oprimidos pelas suas maneiras de falar ou agir, e mais uma vez, serem considerados pessoas más.

Os estudantes da zona rural têm uma maior dificuldade na metodologia adotada no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, Araújo e Sousa (2018) trata desta temática em seu trabalho, sobre a norma culta. Além das pessoas do campo, os que advêm da periferia dos centros urbanos também são vistos dessa maneira. Essas pessoas ao chegarem aos centros de ensino, se deparam com uma grade curricular bem centrada no meio urbano e também com a ausência ou dificultosa presença de diversidades linguísticas e culturais. Muitas dessas pessoas sofrem com desprezo como se fossem incapazes de usar a língua adequadamente, quando, de fato, falta conhecimento da escola sobre a significância de uma compreensão maior sobre as variações, sem julgamentos, quando por fim, sabe-se a eficiência que a língua tem é eficaz transmissão de informações.

Tais situações ocorrem em ambientes mais próximos do que se possa imaginar. Como abaixo, um relato pessoal sobre um determinado momento no qual a autora do presente trabalho sofreu uma reprimenda da professora e como esse fato provocou uma impressão negativa sobre o uso da língua que corresponde à norma padrão.

## 5 RELATO DE EXPERIÊNCIA

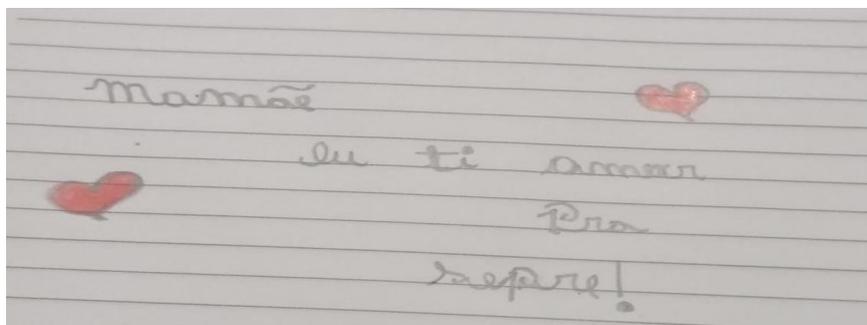
Em minha vida acadêmica fui por muitas vezes repreendida pelo modo de falar ‘diferente’, sendo vítima de um certo preconceito linguístico, causando em meu desenvolvimento acadêmico uma dificuldade em expressar-me oralmente, ideias e opiniões temendo ser repreendida ou corrigida em público, como sempre os docentes faziam e até hoje alguns ainda o fazem, por não saberem respeitar a variação utilizada pelo discente.

Um episódio que ficou registrado em minha vida, foi o dia em que escrevi um bilhete para minha mãe, em homenagem ao dia das mães, solicitado pela docente que lecionava a 3ª série, a mesma solicitou um bilhete que mostrasse o sentimento que a criança sentia por sua mãe e a homenageasse. Quando a docente viu o meu bilhete fui questionada se essa maneira de escrever estaria correta e se era correto falar assim? Embora na época eu não tivesse muito conhecimento, respondi a ela, que escrevi da maneira que eu sabia e que minha mãe entenderia o que eu quis falar, e perguntei se ela tinha entendido o que eu quis falar no bilhete, e ela respondeu que sim, falei que foi assim que minha mãe me ensinou.

A questão tomada nesse pequeno relato é que muitas vezes o docente não está preparado para lidar com esse tipo de situação, levando o discente a utilizar a língua apenas na variação exigida pela escola, sem reflexão como se fosse um ser automático, e não um ser pensante, impedindo que o discente deva ser respeitado na maneira de se expressar, quer através da escrita ou da fala.

A infância e a adolescência são etapas do amadurecimento na qual o indivíduo encontra-se frágil e em desenvolvimento, podendo sofrer nesse processo mudanças expressivas nos âmbitos psíquicos, emocionais e também físicos. Na infância carrega-se esse estigma de forma não tão assertiva pela falta de discernimento suficiente para lidar com comentários feitos por “pessoas maiores” e que se passa a maior parte do dia, como o caso da relação professores/alunos. São nessas etapas de vida que muitos valores são impregnados, maleados ou ainda modificados de acordo com vários fatores. Tais razões pertencem por exemplo ao ambiente que se vive, à comunidade que pertence, ao grupo social que deseja participar (ETTO; CARLOS, 2018).

**Figura 4** - Bilhete feito em homenagem ao Dia das mães



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

A professora não levou em consideração o conhecimento pré-adquirido pela aluna e assim desprezou toda a bagagem cultural e linguística envolvidas no processo para a confecção do bilhete. A dor certamente foi maior pelo fato de ser uma pessoa que se via diariamente, e reconhecer o erro de uma forma tão desconcertante, foi traumático. Devido ao que é ensinado tradicionalmente pelas instituições e esse reforço que as escolas têm de que tudo que é diferente deve ser padronizado, causou o motivo de sofrimento.

Perante a discriminatória conduta de ensino da professora e também pelo sentimento misto de vergonha e descontentamento da aluna, ocorreu a chamada “insegurança linguística”. Sobre essa questão, Etto e Carlos (2018) tratam dessa vulnerabilidade quando os falantes estão sendo pouco reconhecidos pelo seu esforço ou pelo seu modo original de falar, sabe-se que existe um modelo mais prestigiado e não o executa. Esse tipo de insegurança, provoca normalmente trauma. No caso do relato pessoal, achou-se que estava tudo perfeito, daí veio a abrupta correção severa. Os efeitos dessa experiência emocional desagradável dificulta o desenvolvimento da oratória pelo receio de decepcionar mais uma vez, com a questionável sensação de que será julgada por isso a qualquer momento e também por achar que não vai conseguir reproduzir suficientemente bem o uso prestigiado português. Bortoni-Ricardo cita bem como a influência dos conhecimentos pré-adquiridos antes de adentrar no ambiente escolar e receber a reprimenda da professora:

O ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança – variedades populares da língua tem consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança (2005, p. 15).

Mesmo naquela idade, agindo pela inocência infantil, foi refletido o porquê de estar errado, sendo que a mensagem tinha sido lida e entendida pela destinatária. Vieira e

Nascimento(2021, p.6) trazem essas palavras simples, mas com grande impacto à tematica: “se dispuser de uma comunicação efetiva, mesmo com a presenças de erros gramaticais, o papel da língua foi realizado com êxito”.

Ao final do relato, considerou-se toda a problemática envolvendo a falta de conhecimento limitado da história da língua de alguns professores em se adequarem às normas linguísticas que não são a norma culta. Fica o questionamento se a professora não teve instrução para contornar o prejuízo emocional ou se ela mesmo era uma defensora árdua do correto português. Outro questionamento a se fazer é se, naquela época, a escola e o corpo docente no geral tinham a mesma linha de pensamento. Como relatado ao final, a reprodução exata da gramática normativa leva a construção do ser automático que não vê o dinamismo da língua. Não dá espaço para a reflexão e sim para abalos que deixam marcas para toda a vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o estudo aqui realizado percebemos que assiduamente nos deparamos com as variações da língua. Através muitas vezes do uso de algumas variedades principalmente do ponto de vista lexical que são considerados em determinados ambientes como erradas, isso faz com que o usuário dessa variedade sofra preconceito especialmente no ambiente escolar.

Salientamos que o preconceito linguístico poderá ser atenuado após uma modificação na sociedade. Diante dessas circunstâncias, constatamos que o ensino da língua deve proporcionar um ambiente que respeite o uso dos discentes, além disso, os professores devem considerar as variedades linguísticas como uma competência cultural ao invés de agir de maneira preconceituosa. Nesse sentido, podemos considerar o ensino da norma culta como uma variação necessária em alguns contextos e assim desmistificar a ideia de que não há apenas o certo e o errado, e sim ensinar que ambas as formas existem e são corretas, dependendo do ambiente de uso. Assim temos que respeitar e atingir a compreensão de que a oralidade tem especificidades que são diferentes da escrita, por exemplo.

No que diz respeito ao objetivo geral, foi investigado os preconceitos linguísticos e as variações lexicais no ambiente escolar e a discriminação linguística provocada em relação aos falantes de algumas variedades. Descrevemos brevemente a origem da LP a partir da LL, assim como fizemos um levantamento bibliográfico acerca da evolução das variações linguísticas lexicais decorrentes do contato do latim com as línguas faladas na PI e propomos um estudo contextualizado do léxico da LP no ambiente escolar.

Em resposta à problemática, observamos que atualmente os docentes ainda não têm o domínio adequado sobre o preconceito linguístico, por isso ainda há alguns com pensamentos antiquados ou que ainda não se adequaram ao que é orientado na BNCC.

Após discorrermos sobre as necessidades de um ensino contextualizado sobre a história da língua, podemos compreender que os professores e a escola são sujeitos e entidades incumbidas para compreender e respeitar as variações utilizadas pelos alunos no ambiente escolar. Para isso, as escolas devem considerar as orientações contidas nos documentos oficiais como PCN e BCNN, assim os professores estarão aptos a lecionarem o ensino de forma contextualizada.

A intolerância linguística não é tão reconhecida na sociedade como os outros tipos de preconceito, apesar de ser tão grave e inconveniente como os demais. Cabe a percepção do problema e proceder de forma a minimizá-lo. É importante valorizar todas as variantes da língua, a fim de gerar um amparo a todos que se sentem discriminados por utilizarem uma variedade que não seja considerada correta.

Vale salientar que a norma padrão ainda deve estar presente, pois, a escola precisa conduzir os alunos a um uso respeitoso em relação à variação usada em ambientes diversos. Alinhado a isso, necessita-se conhecer as diferentes variações presentes na LP para combater o preconceito linguístico motivado muitas vezes pelo desconhecimento da história da língua. Assim, contextualizado consideramos que o conhecimento do processo histórico da língua contribuí para amenizar esse preconceito relacionado ao uso de determinadas variedades da língua.

Portanto, a pesquisa não apresenta uma visão definitiva sobre o tema, pois novas percepções poderão ser acrescentadas, visto que os preconceitos evoluem de acordo com a evolução da sociedade. Para isso, devem ser sucessivamente avaliados, examinados e enriquecidos o acervo da temática. É um tema também que merece ser estudado cada dia mais pelos estudiosos da língua. Sendo assim, com o passar dos anos, serão aprofundados os entendimentos a mais sobre as variações.

Apesar de toda a carga emocional envolvida no processo traumático supracitado, moldou meu caráter para assim também ter força diariamente para enfrentar lutas, dar sempre o melhor, chegando, inclusive, ao final do presente trabalho para a obtenção do título de Licenciada em Letras. As memórias sempre virão como lampejos, mas o presente e o futuro mostram diariamente que tal experiência é rude e vencê-la gradualmente é de um sentimento gratificante.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, K. L. de. **A variação e o preconceito linguístico na obra a língua de eulália, de marcos bago: uma proposta de intervenção para o 6º ano do ensino fundamental**. 2021. 73f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Letras/Lingua Portuguesa) . Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2021.
- ALMEIDA, W. A. de. **A variação lexical da língua portuguesa no didático do 6º ano do ensino fundamental II: Uma proposta de ensino**. 2019. 38f. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2019.
- ARAÚJO, S. S. F; SOUSA, N. C. C. A história social do português do Brasil e o preconceito linguístico. **Revista Tabuleiro de Letras** (PPGEL, Salvador, online), v. 12, n. 03, 2018.
- ASSIS, M. C. De. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: EditoraUniversitária UFPB, 2011.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 1999.
- BAGNO, M. **Linguística da Norma**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004
- BAGNO, M. **Gramática Histórica do latim ao português brasileiro**. Brasília:Universidade de Brasília, 2007a.
- BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. **Parábola: São Paulo**, 2007b.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- COUTINHO, I. S. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 2011a.
- COUTINHO, I. S. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011b.
- DAS CHAGAS, C. E.. O papel social da língua: o poder das variedades lingüísticas. **Soletras**, n. 16, p. 70-75, 2008.
- ETTO. R. M.; CARLOS, V. G. Preconceito linguístico com menores em regime de privação de liberdade. **Revista Palimpsesto**. n. 28. 2018
- FELIPPE, J. M. S.; SODRÉ. M. C. P. A abordagem do preconceito linguístico em projetos pedagógicos de cursos de Licenciatura em Letras das instituições federais do Rio de Janeiro. **Rev. Eletrônica Pesquiseduca**. Santos, v. 13, n. 32, p. 1176-1198, set.-dez., 2021

GOMES, T. S.; SEMECHECHEM, J; CARDOSO, M. S. Preconceito linguístico em memes da estigmatização à resistência. **Revista Inventário**. n. 26, Salvador, dez. 2020.

GONÇALVES, R. T.; BASSO, R. M. História da língua. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

IBGE, Indicadores. Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua. **IBGE-Coordenação de Trabalho e Rendimento**. Rio de Janeiro: 2019.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo, Contexto, 2006

Laperuta-Martins, M. PRECONCEITO LINGUÍSTICO: Origem na sociedade; Término na Escola. **Revista Observatório**, Universidade Federal do Tocantins, 2017, v. 3, n. 1 Mulher e mídia Janeiro-Março, 2017.

LIMA, M. P. G. de. **Variações lexicais do português brasileiro**: Uma análise do livro didático do 6º ano do ensino fundamental II. 2018, 43f. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras. 2018.

LIMA, T. S. **O que você acha do falar nordestino?** crenças e atitudes linguísticas de universitários não nordestinos do campus do sertão da UFAL. 2019, 79f. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia. 2019.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LUNA NETO, F. M. **A importância de estudar o latim para o aprendizado da sintaxe da língua portuguesa pelos discentes de letras da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC-BA**. RIO DE JANEIRO: CIFEFIL, 2008.

LUTHER, A. GERHARDT, T. E. Educação obrigatória, êxodo rural e fechamento das escolas do campo no Brasil. **Saberes da Amazônia**. Porto Velho, vol. 03, p. 281-310, nº 07, 2018.

NETO, A. G. S. N.; SOUZA, L. R. de; PINHEIRO, N. A. dos S.; LUTERMAN, L. A. Variação Linguística e pluralidade cultural: sociolinguística para alunos do ensino médio. In: III ANAIS DO SIMPÓSIO DE PRÁTICA E ENSINO DE LÍNGUAS, 2017, Goiás. **Anais...**

ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011.

RODRIGUES, M. L.; LIMENA, M. M. C. (Orgs.). **Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006.

SÁ, S. J. Variação lexical em pernambuco e alagoas: o diálogo geolinguístico e (meta)lexicográfico no estudo das denominações para *amarelinha*. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 355-370, jan.-jun., 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, M. L. G. de. Escola: uma ferramenta de combate ao preconceito linguístico. I

CONEIL - CONGRESSO NACIONAL EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA LINGUAGEM, 2019. **Anais...**

SILVA, M. L. G. de. O papel da escola como instrumento de combate ao preconceito linguístico. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 2, 2021.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 20. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIEIRA, M. K. M.; NASCIMENTO, S. M. B. **Variação linguística e preconceito linguístico**: análise de estudos sobre estes fenômenos no ambiente escolar do ensino médio. 2021. 18f. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Instituto Federal do Espírito Santo. Vitória, 2021